Sexismo Sagrado: A influência da Religiosidade na Adesão ao Sexismo por mulheres

Sacred Sexism: The influence of Religiosity on endorse to Sexism by women

Letícia Ferreira de Melo Maia¹, Luana Elayne Cunha de Souza²

RESUMO: Em diversas culturas, as mulheres se caracterizam como um grupo em desvantagem em relação aos homens e essa desigualdade de gênero possui diversas implicações sociais e econômicas na vida das mulheres. A inferioridade do feminino, reforçada tanto no âmbito público quanto no privado, levanta questões acerca do preconceito contra a mulher que, na literatura, se apresenta com o nome de sexismo. O sexismo não é um fenômeno isolado, tendo em vista que suas bases estão cobertas por concepções filosóficas, biológicas e/ou religiosas. Por meio de seus ensinamentos e tradições, as religiões possuem um papel importante na manutenção da hierarquia e no reforçamento dos papéis de gênero no mundo inteiro. No Brasil, mais da metade da população se identifica com a religião cristã. Nesse sentido, o objetivo geral do presente trabalho foi investigar a influência da religiosidade na adesão ao sexismo. Para tanto, participaram desta pesquisa 336 mulheres de diferentes afiliações religiosas, maiores de 18 anos, que responderam a um questionário contendo uma medida de fundamentalismo religioso, uma medida de ambivalência em relação às mulheres, além de perguntas de caráter sociodemográfico e outras medidas de religiosidade. Os resultados mostraram que as mulheres cristãs (protestantes e católicas) apresentam maiores nível de sexismo hostil e benevolente do que as mulheres sem religião. Ademais, o fundamentalismo religioso prediz significativamente o sexismo benevolente e o hostil. Esses resultados são discutidos a partir das possíveis consequências dessa relação entre religiosidade e sexismo para a vida das mulheres.

Palavras-chave: Religiosidade; Sexismo; Mulheres; Fundamentalismo; Gênero.

ABSTRACT: In different cultures, women are characterized as a group at disadvantage compared to men and this gender inequality has several social and economic implications in women's lives. The inferiority of the female, reinforced both in the public and private

¹ Universidade de Fortaleza (UNIFOR)

² Centro Universitário de Brasília (CEUB)

spheres, raises questions about the prejudice against women, which, in literature, presents itself as sexism. Sexism is not an isolated phenomenon, considering that its bases are covered by philosophical, biological, and/or religious conceptions. Through their teachings and traditions, religions play an important role in maintaining the hierarchy and in strengthening gender roles worldwide. In Brazil, more than half of the population identifies as Christians. In this sense, the general objective of the present work was to investigate the influence of religiosity on adherence to sexism. To this end, 336 women of different religious affiliations, over 18 years old, participated in this research, who answered a questionnaire containing a measure of religious fundamentalism, a measure of ambivalence towards women, in addition to questions of a demographic nature and other measures of religiosity. The results showed that Christian women (Protestants and Catholics) have a higher level of hostile and benevolent sexism than women without religion. Furthermore, religious fundamentalism significantly predicts benevolent and hostile sexism. These results are discussed based on the possible consequences of this relationship between religiosity and sexism for women's lives.

Keywords: Religiosity; Sexism; Women; Fundamentalism; Gender.

Introdução

Em diversas culturas, as mulheres caracterizam-se como um grupo em desvantagem em relação aos homens. Em 2021, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgou a segunda edição do estudo *Estatísticas de gênero: indicadores sociais da mulher no Brasil* o qual mostra que, apesar do número de mulheres ser maior que o número de homens no país, as mulheres são um grupo em desvantagem social e que essa desvantagem é evidenciada em diversos âmbitos. Dentre algumas estatísticas apresentadas, em relação à taxa de participação na força de trabalho, os homens representavam 73,7%, enquanto as mulheres representavam apenas 54,5% e, em termos de ocupação de cargos gerenciais, 62,6% eram ocupados por homens, enquanto apenas 37,4% eram ocupados por mulheres. Já a respeito da representação política no

Brasil, em 2020, as mulheres representavam apenas 16% do número de vereadores eleitos (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2021).

Tendo em vista as mulheres enquanto um grupo em desvantagem social, levantam-se reflexões acerca da desigualdade de gênero. Para a Organização Mundial de Saúde, como afirma D'Abreu (2013, p. 593), a desigualdade de gênero “refere-se às diferenças entre homens e mulheres nos papéis socialmente construídos, comportamentos e atributos que favorecem sistematicamente um único grupo”. A desigualdade de gênero possui diversas implicações sociais e econômicas na vida das mulheres. Segundo Alves e Cavenaghi (2013), a partir de um estudo sobre os Indicadores de desigualdade de gênero no Brasil, em relação à desigualdade de gênero no mercado de trabalho, embora a participação feminina tenha aumentado nas últimas décadas, as mulheres seguem em desvantagem em termos de remuneração. Segundo os dados divulgados pelo IBGE (2018), a média salarial das mulheres corresponde à R\$ 1.764,00, enquanto a dos homens corresponde a R\$ 2.036,00.

Além disso, as implicações sociais da desigualdade de gênero fazem com que as mulheres tenham que lidar com inúmeras formas de violência, que podem ser físicas, emocionais ou psicológicas. No Brasil, foi necessária a interferência do Estado na proteção da mulher com a criação da Lei Maria da Penha ou a Lei nº 11.340/2006 que se apresenta como principal instrumento legal para coibir e punir àqueles que cometem violência doméstica.

Para Oliveira (2018), por meio de um discurso institucionalizado, definiu-se quais funções uma mulher poderia desempenhar na sociedade. Um ponto importante que a autora levanta é que esse mesmo “[...] discurso impregnado por características inferiores influenciou o comportamento das pessoas, junto dos homens em relação às mulheres e,

de certo modo, ao gênero feminino” (p. 184), o que acaba por naturalizar as desigualdades entre os gêneros e suas implicações.

Portanto, durante a existência do sujeito que sustenta o papel de ser uma mulher na sociedade ocidental, é inevitável que esta não venha a se deparar com inúmeros obstáculos, formas de discriminação e preconceito ao longo de sua vida. A inferioridade do feminino, reforçada tanto no âmbito público quanto no privado, levanta questões acerca do preconceito contra a mulher que, na literatura, se apresenta com o nome de sexismo, e se difere das outras formas de preconceito existentes contra outros grupos minoritários e em desvantagem social, como, por exemplo, o racismo ou a homofobia, o qual será aprofundado no tópico que segue.

Sexismo Ambivalente

Existem muitos estudos sobre as origens do sexismo e sobre a forma como este se sustenta. Glick e Fiske (1997) contribuíram significativamente para o melhor entendimento sobre os estudos do sexismo enquanto uma face do preconceito e sobre suas diferentes formas de manifestação. Para os autores, as definições anteriores de sexismo enfatizavam apenas a hostilidade e a tentativa de reforçamentos dos papéis de gênero. Percorrendo um caminho mais longo do que Allport (1954), que concebeu o preconceito como uma antipatia ou hostilidade, e indo além das concepções anteriores sobre sexismo, Glick et al. (2000), trouxeram dados que comprovavam que o sexismo não se apresentava apenas de maneira hostil em relação às mulheres, mas também se apresentava de uma forma disfarçadamente positiva e que poderia ser entendida como uma forma de proteção ou cuidado.

A partir da reformulação do conceito de sexismo, Glick e Fiske (1997) propuseram a Teoria do Sexismo Ambivalente. De acordo com essa teoria, o sexismo pode se apresentar de duas formas: hostil ou benevolente. De caráter mais flagrante e

perceptível, tem-se o sexismo hostil que, para Glick e Fiske (2001, p. 109), “[...] é uma visão contraditória das relações de gênero nas quais as mulheres são vistas como procurando controlar os homens, seja por meio da sexualidade ou por ideologia feminista”. Já o sexismo benevolente apresenta uma abordagem mais “gentil” para justificar a dominação masculina e reforçar os papéis de gênero. No sexismo benevolente, há uma visão romantizada das relações e pode ser percebida pela vítima como algo positivo, pois os homens “[...] caracterizam as mulheres como criaturas puras que precisam ser protegidas, amparadas e adoradas e que seu amor é necessário para fazer um homem completo” (Glick & Fiske, 2001, p. 109).

Ainda a partir do trabalho de Glick e Fiske (1997), os autores afirmam que ambas as formas de sexismo compartilham de três subcomponentes: paternalismo, diferenciação de gênero e heterossexualidade. O paternalismo pode ser expresso através do *paternalismo dominante* e do *paternalismo protetor*. De acordo com Belo et al. (2005), o paternalismo dominante corresponde ao sexismo hostil onde os homens representam autoridade e dominação, enquanto o paternalismo protetor, que corresponde ao sexismo benevolente, exprime a ideia de que as mulheres precisam ser protegidas em decorrência de serem frágeis.

O subcomponente da diferenciação de gênero pode ser expresso através da *diferenciação de gênero competitiva* e pela *diferenciação de gênero complementar*. A diferenciação de gênero competitiva corresponde ao sexismo hostil e, como afirma Belo et al. (2005), há uma tentativa constante de realizar comparações entre homens e mulheres, tendo como objetivo reafirmar a inferioridade das mulheres em nível de competências e, com isso, elevar a autoestima masculina. Já a diferenciação de gênero complementar corresponde ao sexismo benevolente, e é perpassada pela crença de que a mulher é responsável por realizar tarefas e desempenhar papéis complementares aos dos

homens, ou seja, as mulheres recebem estereótipos positivos quando exercem de forma satisfatória trabalhos domésticos e quando são percebidas como boas esposas e mães.

Por fim, o subcomponente heterossexualidade pode ser expresso a partir da *hostilidade heterossexual* e pela *intimidade heterossexual*. De acordo com Glick e Fiske (1997), a hostilidade heterossexual corresponde ao sexismo hostil e parte da ideia de que as mulheres são meros objetos sexuais, e que a expressão da sexualidade feminina serve para que as mulheres tenham dominância sobre os homens. Por outro lado, a intimidade heterossexual corresponde ao sexismo benevolente e parte de uma romantização da mulher enquanto um objeto sexual que serve para “completar” o homem.

Para Mikolajczak e Pietrzak (2014), as duas formas de manifestação do sexismo que a teoria do sexismo ambivalente postula se diferenciam a partir da experiência subjetiva, entretanto, elas compartilham as mesmas bases e, como afirma Glick e Fiske (1997), também compartilham da tentativa de reforçar os papéis de gênero e de manter a estrutura patriarcal. Portanto, não é possível pensar o sexismo como um fenômeno isolado, tendo em vista que, como anteriormente abordado, as bases do sexismo estão cobertas por concepções filosóficas, biológicas e/ou religiosas.

Sexismo e Religiosidade

A construção social dos sujeitos nas sociedades é mediada por grandes sistemas ou instituições. Como afirma Ecco (2008), o Estado, a família, a escola e a religião, são exemplos de instituições que possuem fundamental importância na construção da subjetividade do indivíduo e suas repercussões ultrapassam a barreira do individual, isto é, suas implicações podem ser vistas no indivíduo e na sociedade. A religião, devido ao seu caráter institucional, regula a vida dos sujeitos em sociedade, possuindo normas e valores que tem como função a regulação social (Sampaio, 2009).

Por meio de seus ensinamentos e tradições, as religiões possuem um papel importante na manutenção da hierarquia e no reforçamento dos papéis de gênero no mundo inteiro. Apesar desse fato em comum, as religiões diferem-se por meio de seus dogmas e possuem ideologias de gênero específicas que podem afetar a vida das mulheres de complexas formas (Gaunt, 2012).

Dentro do contexto brasileiro, a partir do Censo 2010 do IBGE, a religião com maior número de praticantes é a católica, correspondendo a 64,6% da população, deixando em segundo lugar os evangélicos que correspondem a 22,2% da população. Tendo em vista esses dados, optou-se por focar na relação da religião cristã com o sexismo.

O Cristianismo ortodoxo pode ser entendido, como afirmam Fullerton e Hunsberger (1982), a partir da aceitação de princípios centrais que são bem definidos pela religião cristã. Esses princípios estão localizados nos credos que, por sua vez, se constituem como uma “base rochosa” de crenças doutrinárias onde há um acordo unânime entre católicos e protestantes. Mas, qual é a sua relação com o Sexismo?

A Igreja Católica, como afirma Mikolajczak e Pietrzak (2014), propaga, a partir de seus ensinamentos oficiais, a ideia de que homens e mulheres devem assumir papéis diferentes. Devido ao seu grau de importância e número de seguidores, esses ensinamentos repercutem na forma como as sociedades patriarcais são estruturadas e seus impactos não se limitam à esfera privada, mas também alcançam a esfera pública. Para Toldy (2010), esses ensinamentos são responsáveis por enquadrar a mulher na esfera privada, sendo responsável por cuidar do lar e desempenhando os papéis relacionados a ele.

Contudo, faz-se necessário pontuar que a internalização e a adesão aos ensinamentos, princípios e crenças religiosas estão relacionados com uma extensão do

envolvimento religioso e não com a religião em si. Essa extensão pode ser mais bem compreendida a partir dos conceitos de fundamentalismo religioso e religiosidade. Religiosidade, como afirmam Hannover et al. (2018), pode ser entendida a partir da importância que o sujeito atribui às suas crenças religiosas. Aqui, consideramos a religiosidade a partir de uma perspectiva multidimensional. De acordo com Santo et al. (2011, p. 524), “considerar a religiosidade como multidimensional permite avaliar diferentes níveis de envolvimento, crenças, convicções e, conseqüentemente, do compromisso dos indivíduos com a religião que proferem”.

Já o Fundamentalismo, de acordo com Altemeyer e Hunsberger (1992, p. 118), pode ser entendido a partir da

“[...] crença de que há um conjunto de ensinamentos religiosos que contém claramente a verdade fundamental, básica, intrínseca, essencial e inerente sobre a humanidade e a divindade; que esta verdade essencial se opõe fundamentalmente a forças do mal que devem ser combatidas vigorosamente; que esta verdade deve ser seguida hoje, de acordo com as práticas fundamentais e imutáveis do passado; e que aqueles que acreditam e seguem esses ensinamentos fundamentais têm um relacionamento especial com a divindade”.

Essa extensão do envolvimento religioso recai sobre a complexa relação entre sexismo e religião, despertando interesse da comunidade científica e levando à realização de algumas pesquisas nos últimos anos. Tendo como foco a religião cristã, encontra-se a pesquisa de Glick et al. (2002) que, a partir de uma amostra espanhola, examinou a relação entre a religião e o sexismo ambivalente, e seus achados mostraram que as crenças católicas estão positivamente relacionadas com o sexismo benevolente. Burn e Busso (2005) partiram da hipótese de que a religião e o literalismo das escrituras estão associados com o sexismo e os achados de sua amostra californiana mostraram que o

literalismo das escrituras e religiosidade intrínseca e extrínseca estão positivamente associados com o sexismo benevolente, mas não com o sexismo hostil.

Maltby et al. (2010) realizaram um estudo sobre o papel do gênero na relação entre a religião e o sexismo ambivalente. A partir de uma amostra do sudeste estadunidense com estudantes universitários que se consideravam evangélicos, as autoras conseguiram corroborar a hipótese de que o gênero modera a relação entre o sexismo ambivalente e crenças religiosas, ou seja, foi observado que à medida que as opiniões sexistas dos homens aumentavam, maiores eram sua concordância com os princípios religiosos, mas essa relação não foi observada nas mulheres. Toldy (2010) aborda os discursos de poder provenientes das palavras bíblicas e de que forma estas são utilizadas para subalternizar as mulheres. Mikolajczak e Pietrzak (2014), por meio de uma amostra católica polonesa, verificaram que a religiosidade tende a reforçar o sexismo benevolente entre as mulheres. Hannover et al. (2018), em seu estudo sobre Religiosidade, fundamentalismo religioso e sexismo ambivalente em relação a meninas e mulheres entre adolescentes e jovens que vivem na Alemanha, argumentaram que não é a afiliação a uma religião específica, mas sim o nível de religiosidade de uma pessoa e sua adesão a princípios religiosos que pode prever atitudes e crenças sexistas, o que corrobora com as pesquisas anteriores.

A presente pesquisa

A partir dos achados das pesquisas realizadas anteriormente, é possível perceber que a religiosidade tende a reforçar o sexismo entre homens e mulheres, mais especificamente sua expressão benevolente. Essa prevalência pode ser explicada por Ferreira (2004) quando afirma que as mulheres e os homens aceitam na mesma proporção o sexismo benevolente, pois garante às primeiras, afeto, proteção e admiração, mas que rejeitam o sexismo hostil por ser relacionado com punições e ofensas. Em paralelo a isso,

a religiosidade pode influenciar essa relação, pois, como afirma Jost et al. (2014, p. 57), “uma função importante, mas subestimada da religião, é fornecer justificativa ideológica para a ordem social existente e estabelecer a percepção de que as instituições e arranjos prevaletentes são legítimos e justos e, portanto, merecem ser obedecidos e preservados”.

No entanto, os resultados encontrados abrem espaço para alguns questionamentos. Como abordado anteriormente, apesar do sexismo hostil e benevolente se diferenciarem a partir da experiência subjetiva da vítima, há por parte dessas duas manifestações uma tentativa de reforçar os papéis de gênero e de manter a estrutura patriarcal que favorece os homens. Nesse sentido, por que as mulheres endossam crenças e atitudes sexistas contra seu próprio grupo e qual seria o papel da religiosidade e do fundamentalismo religioso nessa relação?

As pesquisas realizadas até o presente momento confirmam a existência de uma relação entre a religiosidade e o sexismo, hipótese esta que foi testada em diferentes contextos, como na Espanha, Polônia e nos Estados Unidos. Contudo, muitos autores levantaram como limitações nas pesquisas as escassas medidas de religiosidade que foram utilizadas para analisar a relação com o sexismo. Algumas pesquisas utilizaram apenas a medida de identificação com a religião, o que acaba por limitar o alcance dos estudos. Tendo em vista essas limitações e o número escasso de pesquisas realizadas a partir desse tema no contexto brasileiro, o objetivo geral da presente pesquisa foi investigar a influência da religiosidade na adesão ao sexismo por mulheres. Para alcançar esse objetivo foram propostos três objetivos específicos: (1) conhecer o nível de religiosidade das participantes da amostra; (2) conhecer o nível de adesão às crenças sexistas benevolentes e hostis da amostra; e (3) analisar a relação entre as variáveis de religiosidade e os tipos de sexismo hostil e benevolente.

Método

Amostra

A partir da técnica “bola de neve”, participaram desta pesquisa 336 mulheres da cidade de Fortaleza, Ceará, com idades variando entre 18 e 74 anos ($M = 26,99$; $DP = 9,48$), sendo a maioria solteira (40,5%), de classe média (40,5%), heterossexual (75%), com ensino superior incompleto (46,7%) e de etnia branca (53,3%). Em relação à religião, 126 (37,5%) eram católicas, 40 (11,9%) eram de variadas denominações evangélicas, 25 (7,4%) eram espíritas, 3 (0,9%) eram da umbanda e 131 (39%) declararam que não tinham religião. 11 (3,3%) respondentes marcaram a opção “Outro”.

Instrumentos

Inventário de Sexismo Ambivalente – versão reduzida. Esta medida foi criada por Glick e Fiske (1996) com o objetivo de mensurar atitudes sexistas em relação às mulheres. A versão original do instrumento é composta por 22 itens, contudo, optou-se por utilizar a versão reduzida do inventário (Rollero, Glick, & Tartaglia, 2014), sendo este composto por 12 itens. O inventário é dividido em duas subescalas que medem tanto o sexismo hostil (por exemplo, “Feministas fazem demandas irracionais aos homens”), como o sexismo benevolente (por exemplo, “As mulheres devem ser queridas e protegidas pelo homem”). Os itens foram respondidos em uma escala de cinco pontos, tipo Likert, com os seguintes extremos: 1 (Discordo Totalmente) e 5 (Concordo Totalmente).

Escala de Fundamentalismo Religioso – versão revisada Trata-se da versão revisada da escala de Fundamentalismo Religioso criada por Altemeyer e Hunsberger (1992), tendo sido adaptada para o contexto brasileiro por Gomes, Souza e Fontenele (2020). A versão revisada (Altemeyer e Hunsberger, 2009) é composta por 12 itens que medem o nível em que um indivíduo acredita que os ensinamentos e doutrinas religiosas são imutáveis e centrais acerca das verdades sobre os homens (por exemplo, “Deus deu à

humanidade um guia completo e infalível para a felicidade e salvação que deve ser seguido à risca”). Os itens foram respondidos em uma escala de cinco pontos, tipo Likert, com os seguintes extremos: 1 (Discordo Totalmente) e 9 (Concordo Totalmente).

Foram abordadas questões de cunho sociodemográfico contemplando aspectos como idade, escolaridade, estado civil, orientação sexual, classe social e religião. Em relação a este último aspecto, foram incluídas medidas de religiosidade, como o tempo de afiliação à religião e a medida de identificação com essa. Também foram incluídas duas perguntas específicas sobre religiosidade, que se referiam à autopercepção do quanto a participante se considerava religiosa e à frequência de participação às reuniões da religião afiliada. Ambas eram respondidas em escalas de sete pontos, variando de 1 (Nada religiosa) a 7 (Totalmente religiosa) na primeira, e 1 (Nunca vou) a 7 (Sempre vou) na segunda.

Análise dos dados

Utilizou-se o software SPSS para a realização de estatísticas descritivas (medidas de tendência central e dispersão) para descrever a amostra, bem como análises de correlação e regressão linear para analisar a relação entre as variáveis de religiosidade e sexismo. Também foram realizadas análises de variância (ANOVAs) que permitiram avaliar a diferença das diferentes variáveis de religiosidade e sexismo em quatro grupos (católicas, protestantes/evangélicos, outras religiões e mulheres sem religião).

Resultados

Análise do nível de religiosidade das participantes

Para atender o primeiro objetivo específico deste trabalho, buscou-se conhecer o nível de religiosidade das participantes. Em relação ao tempo de afiliação a religião, foi possível perceber que a maioria (52,1%) das participantes em geral faz parte da sua

religião há mais de 10 anos. Unindo-se os valores e levando-se em conta as que se encontram afiliadas há mais de um ano, esse número passa a ser de 72,9%.

Em relação à medida de identificação com a religião, a maioria assinalou que não se identifica (33,3%). Contudo, quando se considera o número de respostas de todas que se identificam, seja pouco, muito ou totalmente, tem-se o valor de 54,2%.

Em relação à religiosidade autopercebida, 19,9% se considera religiosa, seguido de 11,6% que se considera muito religiosa e 4,2% que se considera totalmente religiosa. Unindo-se os valores, esse número passa a ser de 35,7%. Por outro lado, 18,2% se considera nada religiosa, seguido de 17% que se percebe pouco religiosa.

No que concerne à frequência de participação às reuniões da religião afiliada, a maioria das participantes (46,6%) afirmaram nunca frequentarem as reuniões, enquanto apenas 8,6% das participantes afirmaram frequentar sempre. Quando solicitadas para especificar a frequência de idas semanais ou mensais, 17,3% das participantes frequentam uma vez por semana, seguido de 8,3% que frequentam duas vezes por semana. 45,8% afirmaram não frequentar as reuniões e 17,9% afirmaram frequentar a cada dois meses ou mais. Apenas 0,6% das participantes afirmaram frequentar quatro vezes ou mais por semana.

Por fim, foi perguntado para as participantes se elas exerciam ou já exerceram algum cargo ou função dentro da igreja. A maioria (72%) afirmou não exerce/exerceu cargo na igreja, enquanto 28% afirmou que exerce ou que já exerceu.

Em síntese, ao avaliar as diferentes variáveis de religiosidade, como o tempo de afiliação, o nível de identificação com a religião, a religiosidade autopercebida e a assiduidade nas reuniões, verificou-se que as participantes configuram uma amostra com baixo nível de religiosidade. Apesar do tempo de pertença a religião ter sido alto, o baixo nível de religiosidade da amostra pode ser explicado pelo fato de que a maioria não se

identifica com a religião, apresenta baixa ou nenhuma percepção de religiosidade e assiduidade aos encontros.

Tabela 1

Dados das participantes relativos à idade, estado civil, classe socioeconômica, escolaridade e etnia

Idade	M = 26,99 anos; DP = 9,48
Estado Civil	<i>n (%)</i>
Casada/união estável	66 (19,6)
Relacionamento Sérioo	123 (36,6)
Solteira	136 (40,5)
Separada/Divorciada	9 (2,7)
Viúva	2 (0,6)
Classe Socioeconômica	<i>n (%)</i>
Baixa	18 (5,4)
Média Baixa	55 (16,4)
Média	136 (40,5)
Média Alta	99 (29,5)
Alta	21 (6,3)
Escolaridade	<i>n (%)</i>
Fundamental Incompleto	1 (0,3)
Ensino Médio Incompleto	4 (1,2)
Ensino Médio Completo	30 (8,9)
Superior Incompleto	157 (46,7)
Superior Completo	143 (42,6)
Etnia	<i>n (%)</i>
Preta	25 (7,4)
Parda	122 (36,3)
Amarela	10 (3,0)
Branca	179 (53,3)
Orientação sexual	<i>n (%)</i>
Heterossexual	252 (75)
Bissexual	70 (20,8)
Homossexual	11 (3,3)
Outro	3 (0,9)

Fonte. Os autores.

Análise do nível de Religiosidade por Afiliação Religiosa

Para complementar o primeiro objetivo deste trabalho, foram realizadas Análises de Variâncias (ANOVAs), seguidas de testes post-hoc de Bonferroni com o intuito de

comparar o nível de religiosidade das participantes em função das diferentes afiliações religiosas. Para realizar a análise dos dados e atender os objetivos propostos, dividiu-se a amostra em quatro grupos distintos: Católicas ($n = 126$), Evangélicas/Protestantes ($n = 40$), outras religiões ($n = 39$) e Mulheres sem religião ($n = 131$).

Ao analisar o nível de Fundamentalismo Religioso, os resultados da ANOVA mostraram que existe diferença significativa em função da afiliação religiosa ($F(3,332) = 77,34, p < 0,01$). Analisando o teste post-hoc de Bonferroni, pode-se perceber que as protestantes possuem maiores níveis de fundamentalismo religioso ($M = 5,76$; $DP = 2,01$), havendo diferença significativa entre esse grupo e o das católicas ($M = 3,86$; $DP = 1,64$) e das outras religiões ($M = 2,87$; $DP = 1,48$).

Em relação ao nível de identificação com a religião, os resultados da ANOVA também mostraram que existe diferença significativa em função da afiliação religiosa ($F(3,332) = 80,98, p < 0,01$). O teste post-hoc de Bonferroni revelou que as protestantes apresentaram maior média ($M = 5,25$; $DP = 1,80$), não havendo diferença significativa entre esse grupo e o grupo das católicas ($M = 4,46$; $DP = 1,71$) e o grupo das outras religiões ($M = 5,18$; $DP = 1,55$).

Em relação ao quanto se percebiam religiosas, os resultados da ANOVA também mostraram que existe diferença significativa em função da afiliação religiosa ($F(3,332) = 48,42, p < 0,01$). Ao analisar o teste post-hoc de Bonferroni, pode-se perceber que as católicas apresentaram maior média ($M = 4,42$; $DP = 1,53$), não havendo diferença significativa entre esse grupo e o grupo das protestantes ($M = 4,18$; $DP = 1,58$).

No que diz respeito à frequência de participação às reuniões da religião afiliada, os resultados da ANOVA também mostraram que existe diferença significativa em função da afiliação religiosa ($F(3,332) = 50,97, p < 0,01$). O teste post-hoc de Bonferroni revelou que as protestantes apresentam maior média ($M = 4,35$; $DP = 2,37$), sem diferença

significativa com o grupo das católicas ($M = 3,53$; $DP = 1,96$), mas diferenciando-se significativamente do grupo das outras religiões ($M = 2,95$; $DP = 1,91$).

Em síntese, os resultados mostraram que as protestantes apresentam maiores níveis de fundamentalismo religioso, identificação com a religião e frequência de participação às reuniões da religião afiliada, seguidas das católicas e, em sequência, das outras religiões. Quanto à religiosidade autopercebida, os resultados mostraram que as católicas apresentaram maiores níveis, seguidas das protestantes e, em sequência, das mulheres de outras religiões.

Análise do nível de Sexismo da amostra em função da afiliação religiosa

Para atender ao segundo objetivo deste trabalho, buscou-se conhecer o nível de adesão às crenças sexistas benevolentes e hostis da amostra. Na amostra geral, o nível de adesão às crenças sexistas benevolentes apresenta uma média de 2,32 ($DP = 0,81$), enquanto o nível de adesão às crenças sexistas hostis possui uma média de 1,72 ($DP = 0,73$) e a análise de correlação mostrou que o sexismo benevolente correlaciona-se significativamente de forma positiva com o sexismo hostil ($r = 0,55$, $p < 0,01$). Nesse sentido, ao analisar a amostra no geral, é possível perceber que existe um maior endosso às crenças sexistas benevolentes do que às crenças sexistas hostis e quanto maior for o nível de adesão a crenças sexistas benevolentes, maior será o nível de adesão a crenças sexistas hostis.

Para complementar o segundo objetivo deste trabalho, foram realizadas Análises de Variância (ANOVAs), seguidas de testes post-hoc de Bonferroni com o intuito de comparar os níveis de adesão às crenças sexistas benevolentes e hostis em função da afiliação religiosa. Para realizar a análise dos dados e atender os objetivos propostos, deu-se continuidade à divisão anteriormente proposta em quatro grupos distintos: Católicas, Evangélicas/Protestantes, Outras religiões e Mulheres sem religião.

Em relação à adesão às crenças sexistas benevolentes, os resultados da ANOVA mostraram que existe diferença significativa em função da afiliação religiosa ($F(3,332) = 9,50, p < 0,01$). O teste post-hoc de Bonferroni revelou que as protestantes apresentaram maior média ($M = 2,75$; $DP = 0,91$), não havendo diferença significativa entre esse grupo e o grupo das católicas ($M = 2,44$; $DP = 0,80$) e o grupo das outras religiões ($M = 2,07$; $DP = 0,88$). O grupo das mulheres sem religião apresentou menor nível de adesão às crenças sexistas benevolentes ($M = 2,07$; $DP = 0,67$), havendo diferença significativa entre esse grupo e as católicas e as protestantes.

Ao analisar a adesão às crenças sexistas hostis, os resultados da ANOVA também mostraram que existe diferença significativa em função da afiliação religiosa ($F(3,332) = 7,88, p < 0,01$). Analisando o teste post-hoc de Bonferroni, pode-se perceber que as protestantes apresentaram maior média ($M = 2,01$; $DP = 0,80$), não havendo diferença significativa entre esse grupo e o grupo das católicas ($M = 1,85$; $DP = 0,79$) e das outras religiões ($M = 1,73$; $DP = 0,76$). O grupo das mulheres sem religião apresentou menor nível de adesão às crenças sexistas hostil ($M = 1,50$; $DP = 0,56$), havendo diferença significativa entre esse grupo e o grupo das católicas e das protestantes.

Em síntese, é possível perceber que as protestantes e as católicas possuem maior adesão às crenças sexistas benevolentes e hostis em relação ao grupo de mulheres sem religião, sendo as protestantes com os níveis mais altos de adesão a essas crenças.

Análise da relação entre Sexismo Ambivalente e Religiosidade

Para atender ao terceiro objetivo específico desse trabalho, buscou-se analisar a relação entre as variáveis de religiosidade e os tipos de sexismo hostil e benevolente. A análise de correlação mostrou que o sexismo benevolente ($r = 0,52, p < 0,01$) e o sexismo hostil ($r = 0,46, p < 0,01$) correlacionaram-se significativamente de forma positiva com o

fundamentalismo religioso, ou seja, quanto maior o nível de fundamentalismo religioso, maiores serão os níveis de sexismo hostil e sexismo benevolente.

Em relação ao nível de identificação com a religião, a análise de correlação mostrou que este correlaciona-se significativamente de forma positiva com o sexismo benevolente ($r = 0,38, p < 0,01$) e com o sexismo hostil ($r = 0,24, p < 0,01$). Nesse sentido, quanto maior o nível de identificação com a religião afiliada, maiores serão os níveis de sexismo hostil e de sexismo benevolente.

Já em relação a autopercepção do quanto se percebem religiosas, a análise de correlação também mostrou que essa variável correlaciona-se significativamente de forma positiva com o sexismo benevolente ($r = 0,36, p < 0,01$) e com o sexismo hostil ($r = 0,29, p < 0,01$). Nesse sentido, quanto mais se percebem religiosas, maiores são os níveis de sexismo hostil e de sexismo benevolente.

Em síntese, é possível perceber que existe relação entre as variáveis de religiosidade e os tipos de sexismo hostil e benevolente. Neste sentido, foram realizadas em seguida, análises de regressão linear de modo a analisar a influência das variáveis de religiosidade na adesão ao sexismo benevolente e hostil. Os resultados dessas análises serão apresentados na tabela 2.

Tabela 2

Análises de regressão linear para explicação do sexismo ambivalente

Preditores	Sexismo Ambivalente	Sexismo Hostil
	β	β
Identificação com a religião	0,06	-0,12
Religiosidade Autopercebida	0,06	0,15
Fundamentalismo religioso	0,44*	0,54*
R^2	0,28	0,23
Anova	$F(4,331) = 32,73$	$F(4,331) = 25,37$

Fonte. Os autores.

Conforme apresentado na tabela 2, as variáveis de identificação com a religião e a religiosidade autopercebida não predizem o sexismo em seus dois tipos: benevolente e hostil. Contudo, os resultados mostraram que o fundamentalismo religioso ($\beta = 0,44$; $p < 0,01$) prediz significativamente o sexismo ambivalente [$R^2 = 0,28$; $F(4,331) = 32,73$, $p < 0,01$]. Os resultados também mostraram que o fundamentalismo religioso ($\beta = 0,54$; $p < 0,01$) prediz significativamente o sexismo hostil [$R^2 = 0,23$; $F(4,331) = 25,37$, $p < 0,01$].

Discussão

A partir das análises dos quatro grupos, pode-se perceber que as protestantes e as católicas apresentaram maiores níveis de adesão às crenças sexistas diferenciando-se significativamente das mulheres sem religião que, por sua vez, apresentaram baixos níveis de adesão às crenças sexistas. A partir desses resultados, pode-se levantar o seguinte questionamento: por que as mulheres católicas e protestantes possuem maior adesão às crenças sexistas do que as mulheres sem religião?

De acordo com Glick et al. (2002), o sexismo em sua forma benevolente, ao ser considerado uma atitude positiva, segue sendo propagado por instituições sociais legítimas, tais como a igreja cristã. A religiosidade, como afirma Mikolajczak e Pietrzak (2014), molda atitudes sexistas de forma direta e indireta, pois refere-se a valores e normas tradicionais. Nesse sentido, é possível se pensar que a identificação com a religião cristã que, por sua vez, implica uma maior internalização de seus valores, faz com que as católicas e protestantes tenham uma adesão maior às crenças sexistas do que as mulheres sem religião.

A análise de regressão linear revelou que o fundamentalismo religioso é responsável por uma parcela significativa tanto do sexismo hostil como do sexismo benevolente. Esse dado se mostrou extremamente relevante para a compreensão acerca das diferenças entre as mulheres católicas e protestantes e as mulheres sem religião. O

fundamentalismo religioso, como anteriormente abordado, recai sobre a crença em um único e verdadeiro texto religioso detentor da verdade e que este deve ser seguido (Altemeyer & Hunsberger, 1992). Tendo em vista que o foco deste trabalho está na religião cristã, o texto religioso em questão é a Bíblia. De acordo com Peek et al. (1991), a Bíblia está no centro do viés cultural do cristianismo e, além de apresentar um sistema simbólico masculino, retrata os homens como líderes e evidencia as mulheres apenas como seguidoras e em papéis familiares tradicionais.

Os resultados mostraram que as católicas e as protestantes apresentaram maiores níveis de fundamentalismo religioso e também maior adesão a crenças sexistas do que as mulheres sem religião. Ademais, as protestantes demonstraram ter níveis de fundamentalismo maiores do que as católicas e também mostraram-se mais sexistas. Esses dados podem ser explicados a partir do estudo sobre preconceito sexual em protestantes brancos, onde Peek e Brown (1980) afirmam que a relação entre a religiosidade e o preconceito sexual deve ser mais direta. Nesse sentido, os autores afirmam que pessoas com altos níveis de religiosidade geralmente estão mais envolvidas em contextos religiosos e, dessa forma, levam as ideias bíblicas mais a sério, internalizando-as mais fortemente. Diferenciando-se, assim, das pessoas com baixos níveis de religiosidade que, por sua vez, se distanciam de contextos religiosos e de todas as suas implicações. Portanto, as mulheres católicas e protestantes, ao se colocarem com maior frequência em contextos religiosos, internalizam mais as ideias bíblicas e acabam por endossar crenças mais sexistas e essa relação se mostra de forma mais significativa em mulheres protestantes.

Seguindo na mesma direção das pesquisas realizadas anteriormente, os resultados mostraram que tanto na amostra geral como quando consideradas a partir de suas afiliações religiosas, houve uma maior adesão das participantes ao sexismo benevolente

do que ao sexismo hostil. Como anteriormente abordado, a prevalência do sexismo benevolente fornece às mulheres afeto, proteção e admiração, diferenciando-se do sexismo hostil, tendo em vista que este pode estar relacionado com punições e ofensas (Ferreira, 2004). Esse resultado também pode ser explicado pela aparente valorização e atitudes disfarçadamente preconceituosas em relação às mulheres que evidenciam seu papel de complementaridade do homem, sua pureza e moral superior e sua necessidade de proteção (Formiga et al., 2002).

Ainda seguindo na direção das pesquisas realizadas anteriormente, os resultados mostraram que sexismo benevolente se correlaciona significativamente com as medidas de religiosidade. Um ponto interessante a ser abordado é que os achados das pesquisas anteriores demonstraram que a religiosidade se correlacionava apenas com sexismo benevolente e que não estava relacionada com o sexismo hostil. Entretanto, os resultados da presente pesquisa mostraram que o sexismo hostil também correlaciona-se significativamente com as medidas de religiosidade. Nesse sentido, no presente estudo, as formas de expressão da religiosidade, como a identificação com a religião, a religiosidade autopercebida e fundamentalismo religioso reforçam tanto o sexismo benevolente como o sexismo hostil.

Apesar das crenças sexistas benevolentes terem sido endossadas por todas as mulheres, fica evidente a diferença entre as mulheres sem religião e as mulheres católicas e protestantes que, por sua vez, apresentaram maiores médias. Ao analisar a adesão ao sexismo benevolente e hostil nas mulheres cristãs tendo em vista o fundamentalismo religioso que recai sobre a internalização das ideias bíblicas, fez-se necessário realizar uma busca dentro da Bíblia de algumas passagens ou versículos que expressassem crenças ou atitudes sexistas. Como não é intuito deste trabalho fazer uma análise completa do texto bíblico e tendo em vista as diferenças entre a Bíblia Protestante e Bíblia Católica,

foram selecionadas três passagens que se destacaram por seu viés sexista: “É melhor morar numa região deserta do que com mulher briguenta e raivosa” (Pr. 14:19, CNBB), “A sabedoria das mulheres edifica a casa, a insensatez a destrói com as mãos” (Pr. 14:1 CNBB) e, por fim,

“E da costela que o SENHOR Deus tomou do homem, formou uma mulher, e levou-a a Adão. E disse Adão: Esta é agora osso dos meus ossos e a carne da minha carne; esta será chamada mulher, porquanto do homem foi tomada. Portanto, deixará o homem o seu pai e a sua mãe, e apegar-se-á à sua mulher, e serão ambos uma carne” (Gen. 2:22-25, CNBB).

Os versículos selecionados demonstram, mesmo de que forma superficial tendo em vista o tamanho da Bíblia, tanto atitudes sexistas hostis como benevolentes. O último versículo pode ser lido através da lente do sexismo benevolente ao colocar a mulher como o ser que foi feito para e que vai completar o homem. Já os outros dois versículos apontam para a ambivalência em relação as mulheres, apresentando tanto uma benevolência quanto uma hostilidade em relação as mesmas. Essa ambivalência é explicada por Glick e Fiske (2001) ao afirmarem que as crenças sexistas hostis e benevolentes são complementares dentro de um sistema de crenças, pois, mesmo que seja previsto atitudes de valências opostas, elas visam, na realidade, diferentes tipos de mulher.

Os resultados da pesquisa mostraram que o sexismo benevolente correlaciona-se positivamente com o sexismo hostil, ou seja, quanto maior o nível de adesão ao sexismo benevolente, maior será o nível de adesão ao sexismo hostil. Nesse sentido, a ambivalência se faz presente quando as participantes endossam tanto crenças sexistas benevolentes como crenças sexistas hostis em relação as mulheres. Os autores teorizam que o sexismo hostil emerge quando a mulher desafia ou foge do status quo, enquanto que o sexismo benevolente surge quando as mulheres reforçam as relações desiguais de

gênero e quando ocupam os lugares de boa esposa, boa filha e boa mãe, ou seja, quando elas são sábias e não briguentas e raivosas. Nesse sentido, o sexismo benevolente pode ser visto como uma recompensa destinada às mulheres por endossar papéis de gênero tradicionais, enquanto que o sexismo hostil pode ser visto como uma punição para aquelas que fogem dos estereótipos relatados acima e que desafiam o status quo. Analisando a partir dos resultados, pode-se pensar que, para as mulheres católicas e protestantes, o sexismo benevolente é a recompensa para as mulheres que seguem as palavras de Deus, enquanto que o sexismo hostil é a punição para aquelas que decidiram contestar a incontestável palavra de Deus.

Por ter uma expressão aparentemente positiva, o sexismo benevolente segue sendo propagado pela instituição religiosa cristã e por aquelas que a seguem, reforçando continuamente a desigualdade de gênero. De acordo com Burn e Busso (2005), o sexismo benevolente enraizado na religião se constitui como um obstáculo significativo à igualdade de gênero quando está presente em interpretações literais que, por sua vez, são essencialmente não falsificáveis já que não há discussão contra a palavra de Deus. Como anteriormente abordado, as mulheres endossam crenças sexistas benevolentes pois fornece-as proteção, afeto e admiração, além de diferenciarem-se positivamente dos homens e garantindo a elas um status moralmente superior. As consequências previstas a curto prazo por endossar crenças sexistas benevolentes pode garantir às mulheres proteção e afeto, mas é possível se pensar que as consequências a médio e longo prazo podem recair sobre a dependência da mulher frente aos homens e a exaustiva tentativa de se diferenciar dos homens acaba por reforçar o status quo.

De acordo com Conelly e Heesacker (2012), o sexismo benevolente promove para as mulheres uma sensação de que a sociedade é justa e que é nas diferenças entre homens e mulheres que se justifica a desigualdade de gênero, além de promover a

justificação do sistema ao oferecer identidades sociais positivas para homens e mulheres. Contudo, como afirma Glick e Fiske (2001, p. 115), “há uma linha tênue entre reconhecer a responsabilidade das mulheres em manter o sexismo benevolente e culpar a vítima”. Talvez a escolha por endossar o sexismo benevolente seja uma resposta protetiva das mulheres para tentar de alguma forma existir em uma sociedade hostilmente sexista e dominada por homens, onde existe uma punição para aquelas que fogem e questionam os papéis tradicionais de gênero e o sistema. Para as mulheres católicas e protestantes, além de estarem presentes na sociedade como um todo, a recompensa e a punição estão previstas no sistema simbólico masculino promovido pelo texto bíblico que segue sendo perpetuado. Dessa forma, o raciocínio é lógico: é melhor ficar presa em um pedestal onde se tem afeto, proteção e admiração garantidos, do que questionar essa posição e, assim, lidar com o inferno da hostilidade.

Limitações e possibilidades futuras

Um aspecto que se mostrou como limitador na presente pesquisa diz respeito à sua generalização. Os resultados não podem ser generalizados para mulheres cristãs e mulheres sem religião, tendo em vista que a amostra se consistiu, em sua maioria, de mulheres brancas de classe média com altos níveis de escolaridade. Portanto, é possível se pensar que resultados diferentes teriam sido alcançados com uma amostra que abrangesse mulheres de diferentes classes sociais e níveis de escolaridade. Outro aspecto que se mostrou limitador na pesquisa foi a realização da coleta de dados *online*. O processo de enviar o questionário através das redes sociais, apesar de ser mais acessível, não garante que as pessoas se impliquem responder e em compartilhar com outras pessoas, fazendo com que seja mais difícil em ter uma amostra mais representativa.

Nesse sentido, pesquisas futuras nessa área devem buscar amostras mais diversificadas levando em consideração fatores como níveis de escolaridade, idade, classe

social e etnicidade. Outra sugestão é que parte da coleta de dados seja realizada dentro das instituições religiosas de interesse para a pesquisa. Dessa forma, ter-se-ia um controle maior da amostra e garantiria uma maior representatividade da população geral.

Considerações finais

Por se constituir como uma esfera importante da vida daquelas que a seguem e se identificam, os ensinamentos religiosos repercutem na vida das mulheres, moldando significativamente a forma como elas enxergam as relações entre homens e mulheres. Os efeitos da adesão ao sexismo, seja ele benevolente ou hostil, por parte das mulheres repercutem na sociedade como um todo tendo em vista que o sistema de recompensas e punições provenientes do sexismo faz com que as mulheres permaneçam em seus papéis tradicionais e, ao reproduzirem essas crenças, justificam e reforçam a desigualdade de gênero.

Analisando superficialmente, parece ser mais fácil culpabilizar as mulheres pela reprodução de crenças sexistas contra elas mesmas. Contudo, um olhar mais aprofundado mostra que elas são apenas as vítimas. Afinal, ser mulher em uma sociedade hostilmente sexista, perpassada pelo sistema de recompensas e punições, exige uma postura que vise a proteção, a admiração e o afeto. Nesse sentido, as mulheres se protegem de punições e ofensas através do escudo do sexismo benevolente, sendo essa relação mais evidente em mulheres religiosas tendo em vista que esse é promovido pela igreja cristã e socialmente aceito. Entretanto, ao garantir uma aparente proteção, o sexismo benevolente desarma as mulheres na luta contra a desigualdade de gênero, mascarando a desigualdade na complementaridade em relação aos homens.

Referências

- Allport, G. W. (1954). *The nature of prejudice*. Addison-Wesley.
- Allport, G. W. (1966). Religious context of prejudice. *Journal for the Scientific Study of Religion*, 5(3), 447-457. <https://doi.org/10.2307/1384172>
- Altemeyer, B., & Hunsberger, B. (2009). A Revised Religious Fundamentalism Scale: The Short and Sweet of It. *International Journal for the Psychology of Religion*, 14(1), 47-54.
- Altemeyer, B., & Husberger, B. (1992). Authoritarianism, religious fundamentalism, quest and prejudice. *International Journal for the Psychology of Religion*, 2(2), 113-133. https://doi.org/10.1207/s15327582ijpr0202_5
- Alves, J. E. D., & Cavenaghi, S. M. (2013). Indicadores da desigualdade de gênero no Brasil. *Mediações: Revista de Ciências Sociais*, 18, 83-105.
- Belo, R. P., Gouveia, V. V., Raymundo, J. S., & Marques, C. M. C. (2005). Correlatos Valorativos do Sexismo Ambivalente. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 18(1), 7-15. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722005000100003>
- Burn, S. M., & Busso, J. (2005). Ambivalent sexism, scriptural literalism and religiosity. *Psychology of Women Quarterly*, 29(4), 412-418. <https://doi.org/10.1111/j.1471-6402.2005.00241.x>
- Christopher, A. N. & Mull, M. S. (2006). Conservative Ideology and Ambivalent Sexism. *Psychology of Women Quarterly*, 30(2), 223-230. <https://doi.org/10.1111/j.1471-6402.2006.00284.x>
- Conelly, K., & Heesacker, M. (2012). Why Is Benevolent Sexism Appealing? Associations With System Justification and Life Satisfaction. *Psychology of Women Quarterly*, 36(4), 432-443. <https://doi.org/10.1177/0361684312456369>

- Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. (2007). *Bíblia Sagrada* (6ª ed). Canção Nova.
- D'Abreu, L. C. F. (2013). Pornografia, desigualdade de gênero e agressão sexual contra mulheres. *Psicologia & Sociedade*, 25, 592-601. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822013000300013>
- Ecco, C. (2008). A função da religião na construção social da masculinidade. *Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies*. 14, 93-97.
<https://www.redalyc.org/pdf/3577/357735510013>
- Ferreira, M. C. (2004). Sexismo hostil e benevolente: inter-relações e diferenças de gênero. *Temas em Psicologia da SBP*, 12(21), 119-126.
- Formiga, N. S., Gouveia, V. V., & Santos, M. N. (2002). Inventário de sexismo ambivalente: Sua adaptação e relação com o gênero. *Psicologia em Estudo*, 7(1), 103-111. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722002000100013>
- Fullerton, T., & Hunsberger, B. (1982). A Unidimensional Measure of Christian Orthodoxy. *Journal for the Scientific Study of Religion*, 21(4), 317-326.
- Gaunt, R. (2012). "Blessed Is He Who Has Not Made Me a Woman": Ambivalent Sexism and Jewish Religiosity. *Sex Roles*, 67, 477-487.
<https://doi.org/10.1007/s11199-012-0185-8>
- Glick, P., & Fiske, S. T. (1996). The ambivalent sexism inventory: Differentiating hostile and benevolent sexism. *Journal of personality and social psychology*, 70(3), 491-512. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.70.3.491>
- Glick, P., & Fiske, S. T. (1997). Hostile and Benevolent Sexism: Measuring Ambivalent Sexist Attitudes Toward Women. *Psychology of Women Quarterly*, 21(1), 119-135. <https://doi.org/10.1111/j.1471-6402.1997.tb00104.x>

- Glick, P., & Fiske, S. T. (1999). The Ambivalence Toward Men Inventory: Differentiating Hostile and Benevolent Beliefs About Men. *Psychology of Women Quarterly*, 23(3), 519-536. <https://doi.org/10.1111/j.1471-6402.1999.tb00379.x>
- Glick, P., & Fiske, S. T. (2001). An Ambivalent Alliance: Hostile and Benevolent Sexism as Complementary Justifications for Gender Inequality. *American Psychologist*, 56(2), 109-118.
- Glick, P., Fiske, S. T., Mladinic, A., Saiz, J. L., Abrams, D., Masser, B., et al. (2000). Beyond Prejudice as Simple Antipathy: Hostile and Benevolent Sexism Across Culture. *Journal of Personality and Social Psychology*, 79(5), 763-775. <https://doi.org/10.1037//0022-3514.79.5.763>
- Glick, P., Lameiras, M., & Castro, Y. M. (2002a). Education and the catholic religiosity as predictors of hostile and benevolent sexism toward women and men. *Sex Roles*, 47, 433-441. <https://doi.org/10.1023/A:1021696209949>
- Hannover, B., Gubernath, J., Schultze, M., & Zander, L. (2018). Religiosity, Religious Fundamentalism, and Ambivalent Sexism Toward Girls and Women Among Adolescents and Young Adults Living in Germany. *Frontiers in Psychology*, 9, 1-17. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2018.02399>
- Henning, M. C. & Moré, C. L. O. O. (2009). Religião e Psicologia: análise das interfaces temáticas. *REVER: Revista de estudos da religião*, 84-114. https://www.pucsp.br/rever/rv4_2009/t_henning.pdf
- Hunsberger, B. & Jackson, L. M. (2005). Religion, Meaning, and Prejudice. *Journal of Social Issues*, 61(4), 807-826. <http://doi.org/10.3389/fpsyg.2018.02399>

- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2018). *Estatísticas de gênero: indicadores sociais das mulheres no Brasil* (3ª ed., n. 38). Estudos e Pesquisas: informação demográfica e socioeconômica.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2018). *Diversidade religiosa é marca da população brasileira*. <http://legado.brasil.gov.br/noticias/cidadania-e-inclusao/2018/01/diversidade-religiosa-e-marca-da-populacao-brasileira>.
- Lei Maria da Penha, Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. (2006). *Lei Maria da Penha*. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11340.htm
- Maltby, L. E., Hall, M. E. L., Tamara, L. A., & Keith, E. (2010). Religion and Sexism: The Moderating Role of Participant Gender. *Sex Roles, 62*, 615-622. <https://doi.org/10.1007/s11199-010-9754-x>
- Mikołajczak, M., & Pietrzak, J. (2014). Ambivalent Sexism and Religion: Connected Through Values. *Sex Roles, 70*, 387-399.
- Oliveira, A. C. (2018). Violencia contra las mujeres: un problema cultural en Brasil. *Polyphōnia: Revista de Educación Inclusiva, 2*, 175-198. <https://revistaschilenas.uchile.cl/handle/2250/167784>
- Peek, C. W., & Brown, S. (1980). Sex Prejudice among White Protestants: Like or Unlike Ethnic Prejudice? *Social Forces, 59*(1), 169-185.
- Peek, C. W., Lowe, G. D., & Williams, L. S. (1991). Gender and God's Word: Another Look at Religious Fundamentalism and Sexism. *Social Forces, 69*(4), 1205-1221. <https://doi.org/10.1093/sf/69.4.1205>
- Rollero, C., Glick, P., & Tartaglia, S. (2014). Psychometric Properties of Short versions of The Ambivalent Sexism Inventory and Ambivalence Toward Men Inventory. *TPM, 21*(2), 149-159. <https://doi.org/10.4473/TPM21.2.3>

- Sampaio, P. P. (2009). As instituições na perspectiva freudiana. *Revista de Humanidades*, 24(2), 244-255. <https://doi.org/10.5020/23180714.2009.24.2.%p>
- Toldy, T. M. (2010). A violência e o poder da(s) palavra(s): A religião cristã e as mulheres. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 89, 171-183.
<https://doi.org/10.4000/rccs.3761>
- Whitehead, A. D. (2012). Gender Ideology and Religion: Does a Masculine Image of God Matter? *Review of religious research*, 54, 139-156.
<https://doi.org/10.1007/s13644-012-0056-3>